



“Toda a carne, e mesmo a do mundo, irradia-se para fora de si mesma”

Maurice Merleau-Ponty

Cortes

Foi andando na calçada que aconteceu. A maioria das coisas hoje acontece na calçada. Foi lá, numa tarde ensolarada e fria, que senti o coração cair por dentro. Foi como se ele escorregasse um pouco, perdesse a gravidade e fosse parar mais perto do estômago, em cima mesmo dele aliás. Um certo desejo de ser digerido. Enquanto eu tentava continuar andando como se nada fosse era como se ele, o coração, quicasse silenciosamente na parte baixa do meu tórax, murmúrio seco e surdo.

Isso foi pouco antes ou pouco depois, já não importa, de ouvir na rádio uma notícia trágica, daquelas que travam a garganta em choque. Algo

sobre um menina de dois anos morta por hemorragia interna depois de ser violentada. A minha filha tem um ano e dois meses, pensei imediatamente enquanto sentia a pontada no peito, e sabia que desde aquele segundo a angústia colaria em mim pra sempre. Nunca mais a vida será a mesma. Nunca mais o medo será apenas do meu tamanho. Quando nasce um filho ele transborda todos os limites do suportável, se é que eles existem.

Depois disso, desse coração despencado e dessa pele esgarçada porque incapaz de guardar tudo dentro, decidi, em apenas duas ou três páginas, outro limite causador de angústia, a falar sobre a carne em Merleau-Ponty. Assim mesmo, com essa despreensão e esse descaramento, como se fosse tão simples falar das ideias de um filósofo quanto andar na calçada pensando em crimes, filhos e sangue. Talvez eu acredite no que é simples e na intensidade cognitiva, vai saber. É o coração quicando lá embaixo que manda e eu, aqui de cima, olhando para dentro e para a rua ao mesmo tempo, escolho obedecer enquanto desligo o rádio.

Lembro então de uma artista que conheci a trabalho, pouco antes da minha filha nascer. Eu e minha enorme barriga fomos entrevistar a artista plástica Beatriz Carneiro. Formada pela *Haute Ecole d'Art et Design Geneve*, em Genebra, Beatriz, brasileira naturalizada suíça, precisava de uma *bio* para voltar a expor no Brasil. E eu, jornalista de formação e escritora na carne inchada, precisava encontrar com a arte mas ainda não sabia bem como. Fui então, para resumir, tirar casquinha da arte alheia. (Minha primeira página está acabando e a pele urge).

Um dia, sem saber o porquê, Beatriz cismou que precisava ver como se tira a pele de uma vaca. Seria mais uma cena teatral na sua vida e na sua obra, ambas carregadas de influências surrealistas. A diferença, dessa vez, é que a cena também seria visceral. Liguei para todos os matadouros da França pedindo para ser recebida. Recusaram-se a atender tão estranho pedido. Foi um açougueiro tradicional da Suíça quem se mostrou honrado com o seu súbito interesse. Que ela aguardasse três meses. Quando chegasse a hora da vaca, ele a procuraria. Beatriz Carneiro, em seu ateliê impregnado de tempo, reflexão filosófica e maturação artística, esperou.

Recebido o telefonema – “Vou matá-la amanhã” –, a artista plástica colocou no carro seus aparelhos fotográficos e saiu em descoberta do mundo fractal. Dentro da vaca, revelado por uma faca surpreendentemente pequena, estava o espelho do mundo, “formas conhecidas da natureza que o homem, inconscientemente, reproduz em objetos”, disse ela. Dentro da cápsula que protegia os órgãos estavam “espaços microcósmicos / formas

vegetais / ensanguentadas plantas marítimas / algas-tripas / estômagos-medusas / veias / pedras-vísceras”. Seis anos depois, já no Brasil, estaria tudo também dentro de um poema, fronteira da linguagem brincando com o mundo do sensível, aquele que não é atingido pela palavra.

A partir da descoberta do açougue, Beatriz não parou mais de se interessar por peles curtidas, superfícies, falsos semblantes, imagens que parecem ser o que não são enquanto misturam o dentro com o fora e o fora com o dentro. “Como se uma coisa fosse dentro da outra, dentro da outra, como se todas as coisas fossem ligadas”. Experiente, a artista já conversava com as linhas, contornos dançantes do mundo. Pisava na calçada e estendia seus passos um pouco além. Chegou a fazer bolos com asfalto, literalmente, massa calcinada e afetiva (“asfalto é ao mesmo tempo vida e morte, passado e presente recoberto”), receita que mistura o calor familiar da cozinha com a pele da rua, irmã da calçada.

Ao ler Merleau-Ponty, também senti ganhar passos mais largos, embora ainda desengonçados, e lembrei de uma frase usada no primeiro romance: “O cérebro, implodido, polvilhava a calçada”. Em todas as revisões pensei em trocar a frase, já que ela não parecia fazer sentido. Afinal, se o cérebro implodira, quer dizer, colapsara pra dentro, como poderia estar do lado de fora, na calçada?

Aí é que está. Eu ainda não conhecia Ponty, mas ele já me conhecia. A arte já era, então, carregada de sentido próprio, e penso que podemos incluir aí a literatura. Se no impactante livro *O olho e o espírito*, afinal, a pintura parece abarcar o mundo com molduras implodidas e polvilhadas em todas as cenas, penso poder incluir também a escrita nesse ateliê sensível que recebe, finalmente, a realidade como algo a ser visto de fato, onde a profundidade é a carne do mundo, onde os objetos nos olham e as coisas dialogam entre si.

De certa forma, é um alívio encontrar em Ponty uma realidade sensível que, ao contrário do que dizem os modernos, *existe*. Enfim um retorno às coisas mesmas, a uma calçada que está dada, um chão pisado por todos sem tantos enganos dos sentidos. Uma via onde o coração pode andar caído do lado de dentro sem grandes estranhamentos, porque é a arte quem cria o tema e não vice-versa. Um lugar onde a carne ensanguentada, hemorrágica e triste ou deslumbrada com suas descobertas também faz parte do que cobre o mundo de linhas e formas. Um espaço onde a pele respira.

Se somos seres videntes e visíveis ao mesmo tempo, é natural que a carne passeie também pelo lado de fora, assim como é válido que os órgãos internos (internos?) troquem às vezes de lugar de acordo com o susto do momento. Sendo o mundo visível e o de meus projetos motores partes totais do mesmo ser, ter o coração implodido e polvilhado na calçada já não parece tão fora do tom. Parece de verdade, e é. Sinal de que meu movimento, afinal, assim como o de Beatriz, não é ignorante de si. A origem da verdade, eureka, está na percepção.

Ver como se tira a pele de uma vaca e implodir o próprio cérebro, gostem ou não os vizinhos, que podem mesmo achar que isso não tem nada a ver com arte, são impulsos que irradiam de si mesmos, de um si preso ao tecido do mundo fractal. E, ao mesmo tempo, as coisas do mundo continuam incrustadas na nossa carne. Medusas, algas, tripas: tudo lá fora e tudo aqui. Coração, cérebro, amor, medo, horror e sangue: tudo lá fora e tudo aqui. O essencial do homem não é o humano, mas sua relação com o mundo. É na incapacidade de dividir o senciante do sentido que acontece a visão, e isso mesmo quando olhamos uma rele calçada. Que dirá quando inspecionamos um bolo de asfalto ou o sorriso leve de uma criança feliz.

Entendo então que o espaço, de certa forma, calçada incluída, também me constrói. Aceito que todas as receitas de bolo misturam razão e sensibilidade e que não se pode fazer um inventário limitativo do visível. Tampouco dos usos possíveis de uma língua. Mas podemos fazer Cortes, e escrevo com maiúscula porque é esse o título da recente exposição de Beatriz.

Se ela leu Ponty não sei, e não faria diferença. Seu saber, diria o filósofo, está *encarnado* no seu gesto. A artista parece intuir que podemos abrir mão dos músculos e da organização interna do nosso próprio corpo para apreender a voluminosidade das coisas. Em seu desejo quase voraz de atravessar a vaca, ela habita a textura do mundo. Em sua inspiração, engole o mundo subaquático do animal e o devolve regurgitado em poesia. Ela viveu a vaca por dentro e entendeu que somos mais polimorfos do que pensamos. Suas linhas / cortes, diria Ponty, são modulações de uma espacialidade prévia, perfurações praticadas no *em si*: arte é encontro do corpo com o mundo, e o corpo é a parte desse mesmo mundo / carne que nos está mais próxima – nós é que o acompanhamos, e não o contrário.

Sendo profundidade, cor, forma, linha, movimento, contorno e fisionomia ramos do ser, fatores estéticos que mostram como ancoramos no mundo, mostra Ponty, uma investigação artística é sempre total.

Nenhum pensamento se separa inteiramente de um suporte, e é carregando vacas, calçadas e corações despencados que vamos seguindo, amparados, agora, por uma filosofia como pensamento de contato.

Referências:

- Merleau-Ponty, Maurice. *O olho e o espírito*. SP: Cosac Naify, 2013.
- beatrizcarneiro.com (Portfolio e entrevista à autora).